

O POVO ESPOZENDENSE

SEMÁNARIO INDEPENDENTE

ANNO V

ASSIGNATURA—PAGAMENTO ADIANTADO—
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 600
rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8

Editor e proprietario—J. da Silva Vieira

Domingo, 20 de Setembro de 1896

ANNUNCIOS—LOGAR COMPETENTE—
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 %
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 218

SOBRE A EMIGRAÇÃO

Vem «O Povo Espozendense» publicando uma serie de artigos manifestantes da opinião das municipalidades do Minho sobre as causas de incremento assustador que actualmente está tomando a corrente da emigração em Portugal. Li esses artigos, e não me pareceram de todo desasistadas umas breves considerações acerca das opiniões das camaras municipais do Norte sobre assumptos que exigem uma rigorosa madureza de estudo e uma sã e austera critica. Não me abalancarei a desenvolver a exposição critica d'um assumpto que implica a mór responsabilidade por envolver o que ha de mais complexo em assumptos de sociologia. O que não pude, o que não poderei com deverei, é permanecer n'uma passividade e n'uma mudez que seria, quanto a mim, um crime, ao ver como se atiram para a publicidade com punhados de juizes, dos quaes a mór parte envolvem flagrantos erros de facto e injustiças enormes (permitta-se-me a gradação na ideia de Justiça) e apenas uma pequena parte contam qualquer coisa de consequente e justo.

São humildes e desprezenciosas as considerações que me propuz fazer a respeito das opiniões das municipalidades do Minho sobre emigração; e, a quem as ler, se porventura houver desenfadado que as leia, peço eu haja de não suppôr n'ellas a mais leve depreciação da mentalidade municipal dos proceres com alçada nas camaras do Minho. Respeitar os homens na sua crença é um caso de electividade que nos leva a fazer de Victor Hugo um deus, quando o grande morto não era mais do que um homem que pensava recto, o que é muito, e que sentia muito, o que é ainda mais; respeitar, porem, as crenças nos homens, ainda que estes sejam de uma honestidade e sisedez provadas, como eu supponho nos vereadores das camaras em questão, é um caso de sujeição a esse dogmatismo anachronico que nos legaram nossos avós e a que me eu de boafé não desejo sujeitar.

Umás ligeiras considerações preliminares:

Em Portugal, e é esse decerto todo o mal do nosso paiz, não se trabalha, não se resolve. Falla-se, brada-se, escreve-se, chamam-se nomes, pertence-se a um partido seja elle qual for, é-se empregado publico, é-se jornalista, é-se douctor, é-se filho familia e nada mais. Por não sei que atavismo fatal vive-se em parasitismo permanente, como o nosso tetravô Myxomiceto vivia e vive:—da putrefacção. O individuo peninsular, producto ethnico de uma degenerescencia provocada pela educação theocratica e mystica que, como um espectro, arrasta as suas sombras através dos sete seculos passados, subjugaço pela oppressão do sceptro e pela oppressão do baculo, ensinado a humilhar-se e submeter-se, sem reflexão, aos decretos divinos e aos decretos reaes, levado, como quem leva um cego pela mão, a acceitar as doçuras da vida celestial como unica recompensa dos seus trabalhos e da sua resignação no soffrimento, o individuo peninsular no

lento acumular d'estes factores, devia apparecer-nos fatalmente como o estamos vendo, fatalista e malandro, honrado e indolente, heroe na Africa e monge! no continente, humilde e arrebatado, sempre fallador, sempre expansivo, hoja tocando o fado, amanhã dando uma navalha, além dormindo, devorando a sua miseria com uma resignação heroica, amando até á idolatria a sua lareira e a sua ignorancia, a sua missa e os seus piolhos. Para elle só existem duas coisas: a sua terra e o sr. Abade. Só duas coisas o encommoam: as cócegas e os impostos.

Levado pelos apostolos da revolução, faz isto: resona. Levado pelo sr. Abade vai á urna; não sabe para quê, mas é o mesmo, o sr. Abade lá sabe. N'um momento dando ergue-se de punhos cerrados contra tudo e contra todos, contra o imposto, contra a lei, contra os governantes, contra a emigração, contra os proprios emigrantes, contra o philoxera e contra o gramão e contra o gorgulho, atira com marraças para cima da meza das sessões, exalta-se na tribuna, faisca chammas na praça, chama pela justiça, grita aquidelrei, pragneja, blasphema, impropéria, enrouquece de berrar, e, depois de tudo isto, retira-se socegadoamente, pacatamente, limpando o suor heroico que lhe pinga da testa gerado no entusiasmo da eloquencia e do murro, retira-se como cidadão honesto a sua casa, onde o espera uma corôa de louros representada n'uma fumegante travessa de batatas com bacalhau juntamente com o puchavante do alho. E' isto o que faz todo o bom portuguez, que presa a sua integridade anatomica, antes que os beleguins lhe (preguem com os ossos nas cadeias do Estado. Depois, entre a bucha do pão e o gólo do vinho, quando o rebanho dos emigrantes lhe vai, com o chapau na mão, acanhado e sincero, n'uma inconsciencia lórpa, agradecer o favor que ainda ha pouco lhe fizera de levar a defeza da sua causa ao ponto de sahir do seu bom natural peuninsular e suino, o povo, o irmão do proprio povo que emigra, o exaltado, o tribuno, despedaça-os com boas palavras, encorajando-os para a lucta, incitando-os á honradez e ao trabalho, e concordando, n'um áparte, com a Camara de Amares, em que essa legião de desgraçados é uma corja desmoralisada pela ambição de riquezas e pelo amor do luxo e dos prazeres que vai ao Brazil, ou satisfazer essa ambição, ou agenciar meios com que pague as dividas que os mesmos luxos e prazeres lhes fizeram contrahir. Deixar lá ir essa cambada desmoralisada pelo amor do luxo e dos prazeres, e vamos ao nosso bacalhau. A vida são dois dias. O typo portuguez, completo, puro, castiço, apresentase-nos retractado, synthetisado, concreto, n'estas quatro palavras:—a vida são dois dias.

E apesar de tudo o povo portuguez é honesto, de boa condição, apto para os grandes trabalhos e para os grandes sacrificios. Possui talvez como nenhum outro uma actividade latente para todo o genero de misteres, espinhosos ou suaves, em que se dance ou em que se morra.

As causas da sua decadencia são muito complexas e não é para uns artigos ligeiros o fazer-se-lhes uma critica desenvolvida em todos os seus pontos de vista.—Passemos, no entanto, a analysar, de uma maneira intuitiva e circumscripita, as causas da emigração em Portugal, expressas em opiniões das municipalidades do Minho, que é o objecto do nosso assumpto.

Definiremos do mesmo passo a nossa humilde opinião, repetindo o que no principio do presente artigo dissemos: não é nosso intuito melindrar ninguém. Fique isto assente. Adeante.

A primeira das principaes causas remotas da emigração, expressa-a a Camara de Amares, nas seguintes palavras: «A desmoralisação generalisada nas classes trabalhadoras, a qual desenvolvendo excessivamente não só a ambição pela riqueza, mas tambem o amor do luxo e dos prazeres, leva a deixarem a patria, a uns para procurarem aquella riqueza, a outros para obterem meios de pagar as dividas que aquelles luxos e prazeres lhes fizeram contrahir e para as quaes era insufficiente o salario do paiz;»

Estas palavras, taes como estão escriptas, o exclusivismo da opinião que leva a admitir como a primeira das causas da emigração as ambições immorales das classes trabalhadoras e o amor do luxo e dos prazeres, sem a minima restricção condicante a fixar aproximadamente a parte relativa dos que emigram por esta causa, e a relacionar a desmoralisação do proletariado portuguez com as suas causas mesologicas bem patentes na complexa manifestação da dinamica social, são, alem de um gravissimo erro de facto, uma injustiça que cumpre lavar.

Não regeitamos absolutamente a opinião. Regeitamo-la e não haverá ninguém que a não regeite no que respeita á totalidade da sua extensão. A mór parte dos habitantes dos grandes centros que, por educação, se inclinaram aos prazeres e ao luxo, emigram na verdade por estes ou por uma parte d'estes motivos. Mas notemos que a emigração dos grandes centros é uma parte muito pequena comparada com a emigração dos campos.

O proletariado rural que, por si só, prefaz quasi todo o contingente dos que emigram, sabe la elle o que é o luxo e o que são os prazeres! Perguntem-lhes porque fogem e elles responderão invariavelmente:—nossos filhos, nossas mulheres, nossos paes leem fome, e nos campos não ha pão.

A desmoralisação, o amor do luxo, o amor dos prazeres... sim, isso deve ser, tem de ser, é forçoso que seja o ferrete com que se marcam aquelles desgraçados para dentro de cujas almas governos ineptos arremessam com punhados cheios de miserias e que vão, com as escaras da lucta na frente e o desespero na alma, rojar-se por aquellas minas, acurvar-se áquelles fardos, servir a Labão, provando a desventura do proscripto, bebendo o abandono do desterro, comendo a fome de seus filhos, para haverem a codea do pão que é mais dura do que aquella pedra em que descançam lá onde as ardencias de um sol que não é o seu

lhes crystallisa as lagrimas nos olhos e lhes soffoca no seio uma dôr preses a irromper n'uma blasphemia.

Sim, deve ser o amor dos prazeres; deve ser a enormissima despeza que o proletario rural faz com os seus cavallos de raça e com as suas amantes. Aquelles festins de Trimalcião, em que a miseria devora um caldo sem adubo ao pé de uma lareira sem luma, para depois se ir enroscar nas palhas de um leite que os cães regeitariam, é que é devida á desmoralisação que lava nas classes trabalhadoras de Portugal.

Os espiritos locidos, quando a critica lhes espanja os maus pensamentos, não podem deixar de chegar a esta conclusão.

Quanto aos governos, quanto ao sr. Hintze, quanto ao sr. Mariano, quanto ao sr. Navarro, esses, coitados, são uns desgraçaditos que se não teem emigrado é por sentirem que o Reinante de Portugal anda apprehensivo com a ideia de que lhe faltem um dia javalis para entreter os ocios d'um verdadeiro e authentico REINANTE. Não odiemos os homens, odiemos os principios. Não imputemos nem ao sr. D. Carlos, nem aos governantes as desgraças da nação.

Tanto S. M. como o sr. Manoel Ambrozio são filhos do meio em que vivem. E' esterilizada a epocha; o povo não se impõe porque só se impõe quem existe e tem força para se impôr. O povo não tem força, porque tel-a e desconhecel-a é o mesmo que a não ter. Não conhece o direito da sua força e a força do seu direito porque não tem quem o ilucidar-se. Os tribunaes, os jornalistas, os republicanos, os socialistas, tudo berra, tudo clama, golfan-se para esses jornaes todas as verdades, que realmente são verdades o que na mór parte se pensa e diz, e por fim, como ha pouco disse, retira tudo a comer as suas almondegas e a dormir a sua sesta. O povo só precisa de uma coisa:—educação.

«Dac-me a educação, disse Leibnitz, e eu farei mudar a face da Europa em menos de um seculo».

Não sou dos que seguem exclusivamente essas theorias que nos sensibilizam nos poemas de Schelley, em que a humanidade, destruindo n'um sopro todas as velhas instituições e todos os velhos preconceitos, nos apparece de repente sã e livre de todo o germen do mal. Sei que uma dada raça tem particularidades de instincto e de sentimento que não são communs ás outras; e admitto que se o cerebro foi collocado no alto do corpo como um farol, tambem o coração foi posto no centro da materia como um fulero. Mas intendo que a educação, livre de peias tradicionais, fixando os deveres do homem como parte integrante de uma sociedade, deverá marcar um progresso real e tangivel em todos os povos.

Lá me distrahi outra vez do meu assumpto. Desculpará, leitor.

(Continúa)

PINHO NEGRÃO.

CARTA DE FÃO

O fiasco e a insolencia de um Missionario.

Snr. Redactor:

Em face do monumental fiasco com que o ferrenho e rancoroso jesuita terminou a sua serie de seremonatas, depômos a nossa penna, abdicamos do mandato que a nós mesmos propozemos de combater a pernicioso influencia d'estas missões na catechisação do nosso povo.

Elle mesmo, o falsissimo apostolo do Christianismo, se encarregou de vibrar o ultimo golpe na sua obra de fanatisação.

O povo d'esta freguezia sente-se hoje vexado e ludibriado nas suas arreigadas crenças religiosas pelo insolente prégador.

Antes, porém, de darmos por terminado o nosso mandato, ousamos fazer uma reseña da predica de domingo, ultimo ataque do inimigo, que bateu em retirada blasphemando e ameaçando tudo e todos, como se a nossa terra fosse um covil de jacobinos e pedreiros-livres. A nós não nos move um desenfreado furor anti-jesuitico nem tão pouco a minima aversão aos principios religiosos que herdamos de nossos paes. Não!

Temos orgulho na Fé que professamos, na sublime e Santa Religião do Christo Crucificado e ainda hoje nos curvamos reverentes perante a figura veneranda do sacerdote que nos ministrou os primeiros sacramentos, diffundindo na nossa alma em embrião a luz bmdita, a luz intensa do Christianismo.

Somos christãos e somos catholicos!

Esta profissão de fé, porém, não nos embaciou ainda os olhos da razão nem abafou a voz da nossa consciencia para que acceitemos como sinceros e verdadeiros os padres d'essa seita justamente odiada, d'essa companhia de engajadores das consciencias.

Fiquem, pois, bem scientes os nossos leitores e o beaterio maldizente d'esta terra. O obscuro auctor d'estas linhas, comquanto seja victima do soalheiro das beatas, levanta arrogante a sua frente e desafia todos os jesuitas de sotaina ou de casaca para que o ataquem com os actos indignos da sua vida de supposto jacobino.

E posto isto, sr. redactor, affianço-lhe que o nosso protesto, a que este sincero orgão do liberalismo deu publicidade, foi alvo de variados commentarios, merecendo louvores da parte mais illustrada e mais digna da nossa terra, com o que muito nos ufanamos e que por nossa parte agradecemos penhoradissimos.

Vamos á seremonata.

A festa é das mais mesquinhas. O altar do Orago está pessimamente adornado. A affluencia dos fieis é relativamente diminuta, menor que a de qualquer festividade. Ainda ha pouco assistimos na nossa igreja a um sermão de S. Luiz Gonzaga por um estudante que teve igual concorrência senão maior.

Muitas familias das mais distinctas da nossa terra recusaram-se proposadamente a ouvir o jesuita,



conhecido como um prégador insolente, fastidioso e insupportavel.

Vimos muitos cavalheiros na igreja, ao principiar a prédica, que houveram per bem retirar-se aos primeiros impetus de furia oratoria, rindo e chasqueando da verborrheia jesuitica. Muitas mulhersinhas fizeram outro tanto.

E o que é certo é que nunca da sagrada tribuna d'uma igreja ouvimos proferir tantas e tão vastas imprecações, tão flagrantes blasphemias e ameaças tão manifestamente ridiculas e solertes.

Nunca! Só o arrojo d'um jesuita insolente poderia proferir em nome da Santa Religião do Divino Mestre tanto dilata e improprio.

Foi um monumental escandalo, uma verdadeira profanação!

A prédica versou inteiramente em stygmatisar com a violencia d'um inclemente jesuita a jacobinagem, a maçonaria e o atheismo.

Tudo o auditorio julgou o assumpto improprio para a occasião, menos nós...

Desde logo choveu do pulpito uma furibunda saravada de bombasticas adjetivações, como estas: «brutos, estupidos, idiotas, calumniadores, carrascos e tartufos».

O padre parecia ter decorado algumas palavras da nossa carta, pois por diversas vezes fallou «em aves agojeiras da Morte, relapsa e refalsada hypocrisia» etc...

Uma hypocrisia se notou de anormal. Era tal a excitação do padre que poucas vezes se lembrou de mandar pôr fóra da igreja as creanças e as mães d'estas.

A alturas tantas o prégador diz: «Não é só nos grandes centros que ha maçons e jacobinos. Tambem n'esta terra os ha! Tenho as provas na mão...»

Talvez o hominho quizesse dizer que o correio lhe havia entregado horas antes o «Povo Espozendense».

«Mas eu bem sei por onde o gato vae ás filhoses». Palavras textuaes.

Tambem nós sabemos—probabilissimamente é pelas columnas do jornal...

Depois divaguei «sabiamente», como todos os jesuitas, pela historia:

«Deus castigou Napoleão mandando do céu uma tempestade de gelo que decepou as mãos, os pés e os narizes aos soldados francezes na campanha da Russia!! O velhaco Voltaire era um Tartufo (o que será este jesuita?) e o Gambetta que não era tólo etc...» Tolo de todo não é elle, o tal Tartufo do sotaina.

Tambem teve phrazes de estylo nobre: «a mulher não é nenhuma besta de carga» (!!!).

Disse mais, que os jacobinos da nossa terra tambem se confessavam, iam á missa e até o iam ouvir. O homem não nos conhecia, felizmente, senão era capaz de dizer, apontandonos á multidão—«Lá está um!»

Potém, a parte mais pathetica, mais emocionante de todo aquelle laborioso parto, foi quando o valentão Loyolla atrojando os ares com a voz quasi estrangulada nas fauces, perguntou: QUEM É O TARTUFO?!

Abrenuntio! Sentimos calefrios em toda a espinha dorsal. Algumas beatas que dormiam a somno solto, sonhando com a vida paradisíaca d'além tumulo, accordaram assarapantadas com o enorme estampido julgando-se logo engolpadas pelas lavaredas do inferno.

E o ministro de Deus, cada vez mais deocado, mais defunto, mas mais iracundo, berrou novamente: QUEM É O TARTUFO?!

As beatas começaram então na gemebunda musica dos ais, julgando chegado o dia de Juizo e como ignorassem o que vem a ser isto de Tartufo calcularam que era algum nome moderno que o missionario puzera ao maldito Satanaz.

Aquillo foi de tremer o céu e a terra!

Irrribus!

E como ésta vae já demasiada-

mente longa, pomos ponto, agradecendo-lhe, snr. redactor, a fineza que nos dispenson em aldrar de bõa vontade este nosso JACOBINISMO. O seu conceituado jornal prestará um verdadeiro serviço á civilização e emancipação dos povos d'este concelho, combatendo a todo o transe e sem tréguas os taes missionarios jesuitas que, segundo nos consta, tem estabelecido associações em quasi todas as freguezias do concelho.

Fão, 18 de Setembro de 1896.

Um amigo e leitor.

DIREITO MARITIMO COMMERCIAL

IV

Tomemos para these o argnmento do 1.º artigo.

Na falta de consulado, os protestos correm no tribunal do commercio.

Demonstrado ficou já, nos artigos publicados, o caracter «internacional» do «Direito marítimo commercial». Todas as nações marítimas ordearain os seus codigos respectivos, de modo que as suas doutrinas estabelecem razão unanime em todos os estados. E, ou seja pelos codigos commerciaes de cada estado, ou pelos actos da navegação, ou pelas ordenações de marinha, o certo é que a toda a navegação de barra fóra é-lhe imposta a obrigação de trazer a bordo um exemplar do Codigo Commercial e um exemplar do regimento de Laringe; este preceito obrigado por lei em todo o mundo marítimo deriva do «Direito Internacional».

Este regimento, vulgarmente chamado Codigo de signaes, é a tradução universal do commercio marítimo, composto de 19 bandeiras, cada uma das quaes corresponde a uma letra do alphabeto, e, a navegação cruzando-se no alto mar, usa-o correspondendo-se, como se entre si estivesse estabelecida uma rede telegraphica.

As estações semaphoricas, os portos de grande frequencia de navegação, as torres dos faroes estabelecidos ao largo das costas e as barcas de luzes, em todos os estados marítimos adoptam este regimento para o uso da navegação em obediencia ás leis especiaes que em cada estado a regula. Esta uniformidade só dá testemunho irrefutavel de esclarecer «Direito Internacional».

Os regulamentos para evitar as abalroações, são igualmente adoptados por todos os estados marítimos, com obrigação executiva sob responsabilidade criminal para aquelle que faltar a uma só que seja das suas regras de navegação, e isto estabelecem igualmente «Direito Internacional». As variadissimas circumstancias em que a navegação faz uso dos signaes do regimento, a utilidade da sua adopção nas diversas estações marítimas officiaes dos estados, são já hoje regras ao alcance de todo o marítimo.

Os faróes usados pela navegação, impostos pelos regulamentos para evitar as abalroações, regras communs constituirão de tal ordem, que estão hoje igualmente ao alcance de todos os marinheiros. Explana-r a wateria derivada dos preceitos d'estes dous principios dimanados do «Direito Internacional», seria explicar o que toda a gente sabe, e occupar lugar n'uma folha que por puro obsequio, me cede, talvez com prejuizo, as suas columnas para estes artigos; e eu não quero abusar. O meu fim limita-se apenas a demonstrar que os «protestos» de risco marítimo correm no tribunal do commercio, e quando respeitem a navios estrangeiros, e estes não tenham agente consular da sua nação no porto onde se acham, tambem correm no tribunal do commercio.

A regra geral, estabelecida como

preceito dimanado do «Direito Internacional» para os effectos da execução do «commercio marítimo» é: O navio que se achar em porto estrangeiro, onde não tenha agente consular residente da sua nação é para todos os effectos e actos officiaes considerado navio nacional, porque os documentos pertencentes ao navio, e que tinham que depositar-se no consulado, ficam na capitania do porto, como ficam os dos navios nacionaes. Os «vistos» e mais requisitos que a lei exige nos papeis do navio, isto é, no Diario de Navegação, Titulo de propriedade e Passaporte Real, que o consul devia lançar, lança-os-há a capitania do porto, sem o que o capitão não poderia provar que estivera com o seu navio n'aquella praça onde o cumprimento d'um contrato o obrigou a levar artigos do «commercio, ou carregar por exportação productos da praça ou do paiz; a falta d'agente consular não auctorisa o capitão a retirar-se com os documentos comprovativos da nacionalidade do navio; negar-se á sua apresentação nas estações competentes é desobediencia que nada desculpa; porque, comquanto todos os navios sejam obrigados a munir-se de documentos que comprovem a sua naturalidade, legitimados de propriedade e registo legal, estes diplomas sustem effecto de credito perante as estações competentes dos estados marítimos commerciaes, e estes tem o dever, não só de os respeitar, respeitauo a propriedade, como de a proteger tambem. Assim, pois, o navio estrangeiro dentro d'um porto sem consul respectivo, está sob a protecção das leis do paiz, e portanto da auctoridade a quem a marinha mercante está confiada; e seu consul, n'estas circumstancias, é a auctoridade do porto que tem a imperiosa obrigação de lhe dispensar cuidados que aos nacionaes são escusados por estarem no seu paiz. O capitão do navio que estiver n'estas condições está no goso pleno das imunidades que gozam os nacionaes e mais o respeito que se deve aos estrangeiros em virtude dos tratados. A-pórtos, aliás bastante frequentados pela navegação, acontece que por vezes se tem dado casos em que um ou outro navio estrangeiro não tem ali consul residente, eu poderia citar alguns casos, em que a falta de consules tem sido suprida pela magistratura da terra em materia de processo marítimo, tal como em ratificação de protestos, julgamento de repartição de avaria e outros variados incidentes, proprios do conhecimento dos consulados—mas para que cital-os?

Não está o commercio marítimo a reger-se internacionalmente? A navegação mercantil divergirá de direito conforme divergem as nacionalidades?

Não. A navegação mercantil diverge da nacionalidade, mas não diverge em direito, e o commercio marítimo reger-se pela doutrina codificada que deriva do direito internacional.

N'um porto em que se achar um navio estrangeiro, que não tenha consul residente, e a bordo d'esse navio a tripulação praticar um acto de indisciplina que seja necessario punir, o capitão ver-se-ha porventura coagido a não ter força moral como chefe do navio, perante os seus subordinados, só pelo facto de não ter consul no lugar, a quem possa recorrer em seu desagravo? Ficará d'este modo o seu regulamento disciplinar insultado por falta d'auctoridade consular que o faça executar? Não. Porque as auctoridades territoriaes, em virtude dos tratados, tem obrigação de prestar todos os serviços aos agentes consulares, quando estes lh'os pedir; e, d'este modo, e com o mesmo fundamento, não pode sem quebra de lealdade o funcionario territorial negar justiça áquelle que tem direito de a reclamar em nome d'um direito, decre-

tado para a manutenção da ordem n'um estado qualquer que esse navio represente, e que em toda a parte que se encontre é um pedaço d'este estado, considerado juridicamente, cujo pavilhão é forçoso respeitar e cujas leis regulamentares tem de executar-se. As auctoridades do porto sempre que lhes é requisitada a sua intervenção nas questões entre as tripulações dos navios que não têm consul no porto, regulão-nas pelos regulamentos porque se regem os navios nacionaes; e deste modo, a força moral do capitão e a bõa ordem, é sempre garantida, ficando assim remediada, sem quebra de direito nem de dignidade, a falta do consul que applicaria o direito patrio que representa. E isto o que é senão o derivado do «Direito Internacional»?

Para que trazer para aqui mais parallelos a confrontar por analogia os casos em que a falta de consul é suprida pelas auctoridades territoriaes? Se isto não bastasse, o que é de sobejo, então recorrer-se-hia ao Cod. C., e n'elle, sob a indicação d'um numero qualquer, achar-se-hia no de qualquer paiz, o que está escripto no C. C. P. art. 513: «O capitão não pode vender o navio sem auctorisação especial do proprietario, salvo o caso unico de innavegabilidade. § 1.º A innavegabilidade e a venda serão decretadas pelo presidente do tribunal do commercio ou magistrado em que elle delegar, e, se a occorrenca tiver logar em paiz estrangeiro, pelo agente consular portuguez, ou na sua falta, pela auctoridade judicial do paiz».

Que se conclue d'esta doutrina legislada? Eu, na minha profissão de capitão de navios, ignorante e ignorado, tenho me guiado no tocante ás minhas obrigações, como marítimo, pelas doutrinas que aqui tenho defendido,—e portanto a interpretação do direito previsto no art. 513 e § 1.º do C. C. Portuguez em quanto não me fizerem convencer do contrario, attentos os principios de internacionalidade, quer dizer: «Seja qual fór o motivo que collocar um navio no estado de innavegabilidade, o capitão tem de provar esse estado de ruina do navio com a sentença d'um processo especial, que em todos os paizes corre no tribunal do commercio, salvo o caso unico de ser estrangeiro com consul da sua nação residente no porto».

Que as auctoridades judiciaes tem competencia em todos os paizes sobre a navegação estrangeira em direito commercial, dil-o o C. C. Port. no art.º 650 «As avarias grossas e communs serão reguladas e repartidas segundo a lei do lugar onde a carga for entregue».

D'aqui tambem se conclue que as justicas da terra tem jurisdicção de direito sobre os navios estrangeiros.

No numero seguinte terminarei a serie d'estes artigos com as conclusões que por intuição eu possa tirar do que n'ellas tenho expendido.

Espozende, 15 de 7br.º de 1896.

Francisco da Silva Loureiro.

A EMIGRAÇÃO

(Opinião das municipalidades do Minho sobre o augmento da emigração.)

IV

CAMARA DA POVOA DE LANHOSO

«N'esta zona o augmento da emigração é devido ao desejo innato em todos os homens de enriquecer depressa, de gosar um bem estar relativo, que o paiz não lhe permite adquirir. Este desejo é estimulado pelo regresso á patria de alguns emigrantes com alguns bens de fortuna». As passagens gratuitas influiram tambem poderosamente no augmento da emigração, pois o maior numero de emigrantes pertence á classe de trabalhadores do campo, em geral pobres e que nunca emigrariam se tives-

sem de pagar a passagem.» Entre outras causas indica tambem esta camara as seguintes: falta de attenção dos poderes publicos e dos proprietarios pelo desenvolvimento da cultura da terra; falta de circulação dos nossos artefactos, que pela imperfeição e carestia não podem concorrer com estrangeiros; as circumstancias financeiras e o recrutamento.

V

CAMARA DE ESPOZENDE

«Em geral as causas do augmento da emigração no districto de Braga e em toda a provincia do Minho, são:

1.º As circumstancias precarias em que se encontra a agricultura;

2.º As condições pouco animadoras em que se encontra a industria terrestre e marítima;

3.º O systema actual do recrutamento militar com relação ao muito tempo de serviço effectivo e ás poucas concessões de dispensa do mesmo serviço;

4.º O grande numero de agentes de emigração que ha nas povoações urbanas, e ainda mais nas rurais.»

VI

CAMARA DE TERRAS DE BOURD

«São causas da emigração o augmento da pobreza geral dos espiritos e das bolsas, que provém da falta de educação moral, religiosa e profissional, e obliera o amor da familia, patria e solo; abre a porta aos vicios; gera necessidades ficticias, e não permite facilidade e aperfeizamento de trabalho, gerador de satisfação correspondente. As circumstancias em que se tem encontrado a agricultura, são outro factor do mal verificado, o augmento da emigração, porque as despesas de produção orçam pelo dobro do que custava há quarenta annos; as colheitas, se bõas, têm no mercado preço vil; se más ou nullas, representam a miseria. E sobre tudo isso, o recrutamento, perante o qual as incertezas do Brazil chegam a ser uma seducção; os impostos cuja grandeza em muitos casos absorve toda a produção bruta; a falta de capitães juro modico e a usura desenfreada são outras tantas causas da mesma falta—emigração aggravada e crescente.»

VII

CAMARA DE CABEZEIRAS DE BASTO

Num relatório muito desenvolvido e muito erudito, divide as causas em economicas, politicas e administrativas, moraes e juridicas.

Entre as causas de ordem economica», além das que derivam do fundo da propria natureza humana no desejo de melhorar a sua situação, menciona estas: o estado da agricultura; a falta e pouco desenvolvimento de outras industrias; a falta de capitães; os salarios e a divisão da propriedade.

Considera como causas de «ordem politica e administrativa»: a centralisação e descrença politica.

Como causas de ordem moral aponta o cosmopolitismo; a falta de instrucção no nosso povo a falta ou as poucas garantias da assistencia publica, e a emigração dos campos para as cidades.

As causas de «ordem juridica» circumscreve-as ao serviço militar.

No districto de Vianna do Castello tambem diversas municipalidades accederam ao convite da commissão parlamenta, feito por um dos seus vogaes encarregados do estudo da emigração na provincia do Minho. Indicaremos algumas.

VIII

PAREDES DE COURA

«Diz a camara o seguinte:

«Entre todos os concelhos do districto de Vianna do Castello é de Paredes de Coura aquelle onde a emigração, desde há muitos annos, é mais frequente e em maior escala. É quasi um habito. Velhos, novos, validos e invalidos, familias inteiras, emfim, abandonam, com a maior facilidade, o torrão natal, para se lançarem nas aventuras da incerteza e do desconhecido, porque muito poucos

conhecem o Brazil, a não ser de nome, com quanto esta corrente enorme, assustadora, se não faça se não para aquella republica. A falta de meios, determinada principalmente pelos ma- gros proventos que auferem da agricul- tura porque o concelho é essen- cialmente agricola, falta que successi- vamente tem sido aggravada por onerosos e variados impostos; a reluc- tancia e animadversão contra o servi- ço militar e a depreciação da proprie- dade são, em resumo, as causas de- terminantes que mais accentuadamen- te concorrem para fomentar esta deploravel mania.

FÃO, 19 de Setembro.

No ultimo numero d'este con- ceitudo semanario veio inserta uma carta de Fão, que foi lida com mo- to interesse n'esta localidade e que nos inibe de fazer qualquer com- mentario ao assumpto a que se refe- re.

Parece que a carta agradou mais aos que a leram do que os sermões do missionario aos que o ouviram.

—Na proxima quarta feira, 23 do corrente, deve ser lançada á a- gua uma chalupa construida nos es- taleiros d'aqui pelos conceituados in- dustriales snrs. Manoel Burda e Filho.

—Teve a sua «delivrance», dac- do á luz com feliz successo um ro- busto menino, a extremosa esposa do nosso amigo Manoel J. Ferreira da Silva Pereira.

Felicitemos cordealmente os paes do recém-nascido.

—Passou na terça-feira ultima o seu 37.º anniversario natalicio o nos- so dilecto conterraneo sr. Augusto Mattos. Parabens.

—Está para o Gerez a fazer uso das aguas d'aquellas thermas o nos- so illustre conterraneo sr. Antonio Veiga da Silva.

—Está de lucto, pela morte de seu tio, o nosso amigo sr. Luiz Bar- radas, que já regressou de Lamego.

—No dia 20 do corrente deve effectuar-se na capella da Misericor- dia d'esta freguezia, a festividade da Virgem das Dóres, na qual pré- gará o novel orador sagrado sr. Pe- dro Affonso.

—Já retirou para o Porto, com- pletamente restabelecido dos seus incommodos, o nosso amigo sr. Er- nestino de Magalhães.

—Encontrou-se a uso de banhos n'esta praia o Ex.º sr. Manoel Mo- reira Pinto e ex.º familia, do Por- to.

—Consta-nos que será inaugu- rada com ruidosos festejos, no pro- ximo domingo, a illuminação publi- ca d'esta terra.

N'este dia promettem os mora- dores do bairro do Ramalhão illu- minar, a «luz electrica», as fachadas dos seus edificios, em signal de re- goijo pelos lampeões que foram col- locados no referido bairro.

RIDENDO SEMPER.

—Dizem-nos que ameaça ruina esse coberto que para aqui existe com o titulo de alpendre da Lapa, onde se effectua o mercado publico.

De ha muito que aquella por- queira requer uma reforma radical e lembramos a quem compete, ou á ex.º Camara d'este municipio ou á junta d'esta parochia, que wande proceder com a maior urgencia aos devidos reparos, já que não se tem lembrado ha mais tempo de a man- dar substituir por um mercado pro- prio, hygienico e decente.

—Completo um anno a sema- na transacta o menino Julio, interes- sante filho do nosso amigo Luiz Bar- radas. Parabens a seus paes.

Até á semana.

Invisível.

ROMANCES

Vendem-se os seguintes:
Fantosches de Madame Diabo, 8 volumes, brochados.
Madrasta, 6 volumes, idem.
O Padre á forca, 1 volume, idem.

Os jovens escravos, 2 volumes, idem.

Para r'er e tratar n'esta redacção.

O agio das libras está a 1:350 reis; o do ouro portuguez a 28 %.

Movimento marítimo

Sahiram neutem d'este port: para a Figueira o cabique «Novo A- fricano», mestre Pata, carga mexo- lho; para o Porto o palhote «Boa Nova», mestre Santos, em lastro.

Acham-se n'esta villa hospeda- das em casa do sr. João da Silva Lopes Cardoso, sua ex.ª filha a sr.ª D. Elvira da Silva Lopes Cardoso e a menina D. Candida de Queiroz.

Manoel Roças

Esteve hontem n'esta villa o a- preciable poeta das «Rosas d'um dia», sr. Manoel Roças.

N'outro lugar da n'ossa folha in- serimos hoje umas suggestivas e de- liciosas quadras com que o sr. Ro- ças nos mimoseou.

Agradecidos pela offerta.

Durante os mezes de abril e maio ultimos, falleceram no Rio de Janeiro 847 portuguezes.

Dizem de Espinho que existem ali actualmente 10 roletas; sendo 6 das CARAS e 4 das PATAQUEINAS.

BOHEMIAS

Eu amo-te doidamente,
Oh! minha pallida amante;
Desejo estar um instante
Contigo, secretamente.

Por teu riso de matar,
Eu daria a minha vida,
Formosa pomba querida,
Não tenho mais que te dar.

Ha muito que enemorado
Do teu olhar deslumbrante;
Vivo triste e agonizante,
Como um pobre condemnado!

E tu não deixas cahir
Sobre mim o teu olhar!
Estou prestes a naufragar,
Já não m'importa o porvir!...

De mim não deves ter medo,
Que o meu amor é profundo!
Nada receas do mundo,
Que eu sei guardar um segredo.

Não me faças mais pensar,
Cede, pois, ao meu desejo;
Só prometto dar-te um beijo
A' branca luz do luar.

Manoel Roças.

AUSENCIA

a F. Marini.

Fogem-me os dias assim
N'esto martyrio sem fim
Que causa a tua ausencia.
E sempre, louco, á procura
Da tua face tão pura
Eu passo os dias, jasmim!

Vae a minh'alma em desejos
Beijar-te, lirio dos brenjos,
A' luz da aurora serena...
Vae poisar-te nos cabellos,
Cheia de meigos disvellos,
Minh'alma, desfeita em beijos!

N'este martyrio maldito
Eu ando como um proscripto,
Longe de ti, meu amor!
Vae fugindo a mocidade
Por entre dor e saudade,
N'este martyrio infinito!

Mas eu, comtudo, bendigo
O teu olhar—meu abrigo
N'este mar de dor sem fim!...
—E sempre, louco, á procura
Da tua face tão pura
Eu passo os dias, jasmim!

Agosto, 28—96.

F. Alexandrino.

Vindimas

Continúa a faina das vindimas n'este concelho, que alguns dias foi interrompida pelas chuvas.

O vinho é de excellente qualida- de, attendendo ás boas condições em que tem sido feita a colheita e ao estado adiantado da maturação das uvas.

Falleceu nos E. U. do Brazil o maritimo José de Barros Lima, ca- sado, natural d'esta villa.

Inspecção

As inspecções dos mancebos re- censezdos no concelho d'Espozen- de, no presente anno, devem prin- cipiar no dia 25 do corrente e ter- minar em 30 do mesmo, no quar- tel d'infanteria n.º 3 em Vianna do Castello.

Os mancebos devem requisitar na secretaria da Camara municipal a competente gnia de márchã e a- presentar-se dentro do referido pra- so, do contrario serão considerados refractarios.

Sahiu com algumas incorrecções o nosso artigo de fundo d'hoje— «Sobre a emigração».—por não ha- verem sido as provas revistas pelo seu auctor.

Entre outras, que o leitor facil- mente emendará, notaremos as se- guintes:

Na 4.ª linha da 1.ª col. «sobre as couzas de incremento assustador», em vez de «sobre as cauzas do in- cremento assustador». Na 29 linha da mesma col. lê-se «uma pebuena parte contam», deveudo emendar-se para «uma pequena parte CONTEM». Ali pelo meio da 2.ª col. sahio «gól» em vez de «góle». Nos princí- pios da 4.ª col. onde se lê «aquelles festins» deve ler-se «A'QUELLES fes- tins», e logo abaixo onde está «de- vida á desmoralisação» deve por-se «devida a desmoralisação». Na 46.ª linha da 4.ª col. onde se lê «Os tri- bunaes» deve ler-se «Os tribunos»; pelo fim da mesma col. onde tem «como um «fulero» deve emmen- dar-se para um «fulero».

A banhos

Na magnifica praia de S. Bar- tholomen, em uso de banhos do mar, achz-se actualmente o rev.º Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, mui illustrado conego da Sê de Braga.

Vapor «Julian»

A arrematação do visto e não visto da carga e casco d'este vapor, ultimete naufragado n'esta costa, foi adjudicada ao industrial portue- se sr. Amadio de Jesus Teixeira, pela quantia de 3\$500 reis.

CANCIONEIRO

(aos meus amores)

Dá-me o teu peito, mulhor
Recebe o meu coração.
Esta troca exprime amor
E uma franca confissão.

Amor é cadeia d'ouro
Que se pesa na balança.
Só quizera adivinhar
Se em mim tens confiança.

Tenho uma penna no peito,
Chegadinha ao coração,
Se te não amasse, amor,
Morreria de paixão.

S. V.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, reiteram os seus agrade- cimentos a todas as pes- soas que se dignaram ap- presentar-lhes suas condo- lencias pelo fallecimento do seu saudoso filho, irmão e cunhado A. Azevedo, bem como aos que assistiram ao seu funeral e acompa- nharam o cadaver á últi- ma morada; e ainda a to- dos os amigos do saudo- so extincto que lhe pres- taram homenagens de sen-

timento, confessando-se por- isso penhoradissimos.

Maria Candida de Almeida A- zezedo

Balbina Augusta de Azevedo

Evangelista

Ignes Laura de Azevedo Nu- nes Pereira

Maria das Dores de Azevedo

Marinho

Rosa Emilia Roriz de Azevedo

Izabel Duarte de Sousa Azeve- do

Ernesto de Almeida Azevedo

Antonio Augusto de Almeida Azevedo

Arnaldo Delfim d'Almeida A- zezedo

Manoel José Nunes Pereira

Mmoel de Passos Rodrigues

Evangelista.

Alfredo Marinho.

PADARIA E MERCEARIA LISBONEN- SE

de

ANTONIO JOSÉ FERNANDES

19 E 20, RUA DIREITA, 21 E 22

ESPOZENDÉ

Farinhas

Flor—Preço pelo deposito da Vianna—

Sacca »	»	75 k	6:825
N.º 1 »	»	Sacca 75 k	6:675
N.º 2 »	»	»	6:525
Bica fina SS	»	55	1:600
Rolão SF	»	45	1:250
Farello SG	»	40	1:050

Todos estes preços têm o augmen- to do carreto e de 1.º jo. além dos preços acima indicados.

Deposito de tabacos e lumes de cara e de pau pelo preço das fabricas, petró- leo, por junto e a retalho.

Diversos generos de mercearia, vi- nhos finos, bebidas alcoolicas, stearinas, sebo, azeite, bacalhau, arroz, batata do Douro, etc.

Café ESPECIAL MOIDO

DE

Branco & Rodrigues

DE

LISBOA

Café SUPERIOR

Kilogramma.....	120
500 grammas.....	62 1/2
250 gr.....	30
125 gr.....	15
62 1/2 gr.....	7 1/2

Café DE 2.ª QUALIDADE

Kilogramma.....	610
Em pacotes de	
500 grammas.....	320
250 gr.....	160
125 gr.....	80
62 1/2.....	40

Café DE 3.ª QUALIDADE

Kilogramma.....	490
Em pacotes de:	
500 gr.....	240
250 gr.....	120
125 gr.....	60
62 1/2 gr.....	30

PREÇOS SEM RIVAL!!!

Unico depositario n'esta Villa

ANTONIO JOSÉ FERNANDES

PADARIA LISBONENSE

21, Rua Direita, 22

PADARIA E MERCEARIA

LUSO-BRAZILEIRA

DE

Francisco José Ferreira

22, RUA DA EGREJA, 23

Especialidades cujo fabrico são unica e exclusivamente d'esta casa:

Biscouto, systema, de Vallongo	100 rs.
Bolacha fina de agua e sal	80 »
Biscouto «Botão de Casaca»	120 »
Dito «palitos de araruta»	120 »
Dito de chocolate	140 »
Bolachinha doce	120 »

Pão de diversas qualidades, manipu- lado pelos systemas portuguez e brasilei- ro.

Além d'estas especialidades, esta ca- sa tem á venda grande variedade de vi- nhos finos, figo de caixa e ceira, queijo da Serra e londrino, passas de Malaga e outros generos.

AZEITE PURO, VELHO

ESPECIALIDADE

A 120 reis o meio li- tro, só o vende em Espo- zende a PADARIA LUSO- BRAZILEIRA de

Francisco José Ferreira

RUA DA EGREJA

Experimental para a- valiar.

NOVIDADE LITTERARIA

AGUARELLAS

(Contos despretenciosos)

por

XAVIER VIANNA

Um elegante volume, de forma- to completamente novo e impresso em optimo papel de linho.

Preço 400 reis

Pelo correlo 420 »

Pedidos ao seu auctor Xa- vier Vianna, Rua Direi- ta, ESPOZENDE, e á Reda- cção do «Povo Espozendense».

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philolo- gicos e ethnologicos rela- tivos a Portugal, pu- blicado com a col- laboração de

muitos especialistas portu- guezes e estrangeiros

por

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Consergador e Professor da Bibliotheca Nacional de Lisboa e Director do Mu- seu Ethnographico Portuguez.

Estão publicados 3 volumes, e sahio agora o 1.º fasciculo do 4.º.

Preço da assign. annual (franco de porte) Portugal 2:000 rs. No resto da Europa 12 fr. Brazil (moeda fraca) 20:000 rs.

Preço de cada fasciculo avulso Portugal 600 rs. No resto da Europa 3 fr. Brazil (moeda fraca) 6:000 rs.

Publica-se um volume annualmente.

Toda a correspondencia deve ser di- rigida a José Bastos, Antiga Casa Ber- trand, Rua Garrett, Chiado, 73—75 Lisboa.

JORNAL DOS CEGOS

Redactor

BRANCO RODRIGUES

Destinado a advogar os interesses dos cegos e a relatar o que no paiz e no estrangeiro se põe em pratica, a fa- vor d'estes desherdados da fortuna.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Preço da assignatura por anno: 500 réis em Lisboa e provincias.

Todos os lucros que esta publica- ção auferir, serão offercidos pelo seu redactor á benemerita Associação Per- mutora do Ensino dos Cegos.

O primeiro numero sairá em Novem- bro de 1895

Não se venderão numeros avulsos

Assigna-se no escriptorio da admi- nistracão do jornal: Livraria catholica de Joaquim Antonio Pacheco. Rocio—Lis- boa.

A ARTE DA MODA

Jornal dedicado exclusivamente aos alfaiates

(Publica-se nos dias 15 a 20 de cada mez)

Cada numero d'este excellente pe- riodico, o mais barato que se distribue em Portugal e o unico feito exclusivamen- te em officinas portuguezas, publicar á em todos os numeros: 4 paginas de- texto em cartolina com varios modelos para homens e creanças; um folha de moldes por escala e uma folha de mo- delos coloridos para toilette masculinas, o que ha de mais perfeito. Esta folha, como brinde, será, no fim de cada se- mestre de grandes dimensões, tendo no alto, em vez do titulo do jornal, o nome do assignante ou do seu estabeleci- mento.

ASSIGNATURAS:

Porto e Lisboa: Anno, 2:500. Semestre, 1:300. Tri- mestre, 700 reis.

Provincias e Açores: Anno, 2:700. Semestre, 1:500. Tri- mestre, 800 reis.

Administração—Rua do Calvario, 17 —Porto.

ANTONIO DOURADO
Editor Catholico.
Rua dos Martyres da Liberdade, 165
—Porto.

Tendo recebido instantes pedidos para abrir novas assignaturas para as obras de vulto que temos publicado, e querendo ser agradavel ao publico catholico, que sempre nos tem animado nas nossas emprezas e ajudado a levar-as a cabo, resolvemos abrir assignatura, no principio d'este anno de 1896, para as seguintes obras, cuja distribuicao regular principiara por todo o mez de fevereiro.

A BIBLIA POPULAR ILLUSTRADA (VELHO E NOVO TESTAMENTO) Pelo Abade Drioux, dr. em theologia e antigo professor do Seminario de Langres.

Approvada pelo Cardeal Arcebispo de Bordeaux, e Bispos de Tarbes, de S. Claude e de Langres.

Versão do francez do Dr. Antonio Pereira da Paiva e Pona.

Publicada com permissao do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Bispo do Porto Offercida ao Ex.º Sr.

CONDE DE SAHODAES Adornada com mais de 300 gravuras: Distribuir-se-ha uma caderneta por semana, contendo duas folhas de oito paginas, em bom papel e formato grande.

Preço de cada caderneta 60 reis.— Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos.

As pessoas que desejarem receber mais que um fasciculo semanal, volume ou a obra completa poderão assim requisital-o ao editor que promptamente fará as remessas que lhe forem feitas. O preço da assignatura vigora apenas pelo tempo que durar a distribuicao da obra, sendo elevado logo que finalise a ultima distribuicao.

Pedidos ao editor ANTONIO DOURADO, rua dos Martyres da Liberdade 165, —Porto.

ABBADE MOICNO ESPLENDORES DA FÉ

Versão portugueza do PADRE FRANCISCO MANOEL VAZ antigo Missionario d'Africa Oriental.

COM AUCTORISACAO E APPROVACAO DO EM.º E REV.º SR. D. AMERICO, Cardeal-Bispo do Porto.

Distribuir-se-ha uma caderneta por semana contendo duas folhas de 16 paginas cada uma, formato grande, em typo novo e bem legivel. Preço de cada caderneta 100 reis, pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se-lhes o competente recibo.

A distribuicao d'estas obras será feita com toda a regularidade, visto que todas ellas se encontram já impressas.

EXERCICIOS DE PERFEICAO E VIRTUDES CHRISTAS, pelo rev. Affonso Rodrigues, 3 volumes 3\$000.

ASSASSINATOS MACONICOS, por Léo Taxil, 1 volume, 1\$000.

ADMIRADORES DA LUA, por Léo Taxil, 1 volume, 1\$000.

BIBLIOTHECA CATHOLICA

EDITOR—ANTONIO DOURADO Já estão publicados os seguintes volumes:

«Methodo para formar a infancia na Piedade.» 1 folheto 50.

«Testemunho da Fé.» por D. Maria de Castro Menezes, 300.

«Tratado da verdadeira devoção á Santa Virgem», 200.

«Vida de Santa Ignez», 200.

«A Sciencia do Crucifixo», em forma de meditações, dividida em duas partes pelo Padre Pedro Maria da Companhia de Jesus, 200.

NO PRÉLO

«O Joven Apologista da Religião, Resposta ás objecções mais espathadas.

Toda a correspondencia relativa a assignaturas para as obras acima enumeradas deve ser dirigida ao editor «Antonio Dourado», rua dos Martyres da Liberdade, 165—Porto, e em casa dos nossos estimaveis correspondentes.

MANUAL DAS FAMILIAS

Revista semanal de

Formulas, receitas e conhecimentos praticos, aproveitaveis ás sciencias, artes e industrias.

Conselhos e instrucções sobre hygie-ne, medicina, veterinaria, agricultura e jardinagem.

Phisica recreativa, problemas dos jogos do xadrez, damas, dominó, cartas, logogriphos, etc.

Empreza—George Lefevre & C.ª Redacção e administração 35, Rua Ivens, 35.

Lisboa

PRIVILEGIO EXCLUSIVO CONTRA A DEBILIDADE DOENÇAS DE PEITO FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei e Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industrias, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellente e agradavel alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.

PRIVILEGIO EXCLUSIVO CONTRA A TOSSE DOENÇAS DO PEITO XAROPE PEITORAL JAMES Unico approvado, legalmente auctorizado pelo conselho de saúde publica de Portugal e Inspectoria Geral de Hygiene da Cárte do Rio de Janeiro.

A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitaes e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'este paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval-o (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a consideral-o um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosse rebeldes, tosse convulsa e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura som tinta azul.

Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhos EM BELEM — LISBOA.

HENRI ROCHEFORT AVENTURAS DE MINHA VIDA TRADUCÇÃO DE C. DE CASTRO SEROMENHO

E' a historia dos 40 ultimos annos do governo francez, não uma historia escripta em toda sua severa integridade, por um historiador imparcial, mas sim uma relação dos factos que presenciou o auctor, (um opposicionista encarnicado), escripto n'um estylo singularmente colorido e nervoso, que não receia o termo proprio.

Cada semana sae um fasciculo com 80 paginas Provincias—120 réis cada fasciculo Dirigir os pedidos a Guillard, Aillaud & C.ª—Rua Aurea, 242—LISBOA.

CODIGO DO PROCESSO COMMERCIAL APPROVADO POR DECRETO DE 2 DE JANEIRO DE 1895

Pedidos á «Typographia Progresso» —Elvas. A' venda em Lisboa na Livraria da Antonio Maria Pereira—Rua Augusta, 2.

ENCYCLOPEDIA DAS FAMILIAS Revista de Instrucção e Recreio Condições de assignatura. D'esta utilissima revista publica-se mensalmente um numero de 80 paginas, em typo miudo, impresso em bom papel, e elegantemente brochado. Contem cada numero variadissima secções, d'entre as quaes destacaremos, pela sua importância a de historia patria, intitulada Historia da invasão franceza em Portugal trabalho que tem merecido os maiores elogios de toda a imprensa periodica. Seguem-se-lhe largamente desenvolvido, e alternadamente, as seguintes secções.

Agricultura, anedotas, antiguidades, apontamentos historicos, arithmetica, assumptos religiosos, astronomia bellas artes, botanica, contos infantis, descobertas e invenções, dictionario da biblia, estatistica, economia domestica, geographia, historia natural, homens illustres, hygieno, jardinagem, litteratura, moral, machinas, medicina, musica, Mythologia, pensamentos, physica, poesia sciencias e artes, etc. formando no fim do anno um grosso volume de 960 paginas, inde se encontram rennidos apontamentos de todas as sciencias, constituído uma verdadeira Encyclopedia, facil de ser consultada por quem peseje saber e instruir-se. Cada anno ou 12 numeros eguaes ao presente 800 réis Pagamento adeantado

REMEDIOS DE AYER Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura. Peitoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares. Extracção composta de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas. O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas. Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo. Pílulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal. Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas. Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 210 REIS. VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções. Sabonetes de glicerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle. Preço 200 reis a duzia (1)

EDITORES—BELEM & C.ª Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa OS DOIS ORPHÃOS

Ultima produção de ADOLPHE DENNERY, auctor dos applaudidos dramas «As duas Orphãs», «A Martyr» e outros.

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras.

Chromo, 10 réis—Gravura, 10 réis —Folha de 8 paginas, 10 réis.

Sahirá em cadernetas semanales de 4 folhas e 1 estampa, 50 réis pagos no acto da entrega.

450 réis cada volume brochado.

BRINDE a todos os assignantes— uma estampa a 14 cores de grande formato representando a vista geral do Convento de Matç.

Reprodução de photographia tirada a expressamente para este fim.

BRINDES a quem prescindir da commissão em 2, 4, 5, 10, 15 e 30 assignaturas.

BRINDES distribuidos a angariadores d'assignaturas:

62 retratos a crayon, 2½ duzias de photographias, 106 aparelhos completos de porcelana para almoço e jantar de doze pessoas, 45 grandes relógios com o calendario, 70 colleções de albuns, com vistas de Portugal e 39 colleções de estampas, editadas por essa empreza.

BRINDES distribuidos a todos os assignantes:

14.000 mappas geographicos de Portugal, Europa, Asia, Africa, America, Oceania e Mundi.

28.000 grandes vistas (chromo), representando: o Bom Jesus do Monte, proximo de Braga, a Senhora da Conceição, a Avenida da Liberdade, a Praça do Commercio, o Palacio de Cristal do Porto, o Palacio da Pena em Cintra e a Praça de D. Pedro, Lisboa.

38.000 albuns com vistas de Lisboa, Porto, Cintra, Belem, Minho e Batalha.

Valor total dos brindes distribuidos 12:900\$000 réis.

Enviem-se prospectos a quem os requisitar.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

LA ULTIMA MODA Semanario de modas para senhoras EDIÇÃO EM HESPAHOL

Publica-se todos os domingos e contém numerosos modelos de ultima novidade em trajos, chapens, adornos, penteados, etc.; revistas de modas e salões. É o unico dos da sua classe que se publica em Hespanha e mais barato.

Preço da assignatura em Portugal:

Anno..... 3\$200 reis

Seis mezes..... 1\$700 »

Tres mezes..... 865 »

Numero avulso..... 65 »

Todos os pedidos de assignatura devem ser feitos ao sr. Manoel Francisco Mídões—Rua da Padaria n.º 32, LISBOA.

Na redacção do «Povo Espozendense» mostram-se os n.ºs da «Ultima Moda» a quem deseje assignar, encarregand

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊZ

Collecção illustrada de materias e noticias

Publicada pelo Museu ethnographico portuguez

«O Archeologo Portuguez» publicar-se-ha mensalmente. Cada numero será sempre ou quasi sempre illustrado, e não conterá menos de 16 paginas in-8.º, do formato d'este prospecto, podendo, quando a affluencia dos assumptos o exigir, conter 32 paginas, sem que por isso o preço augmente.

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

Anno..... 1\$500 réis.

Semestre..... 750 »

Numero avulso..... 160 »

Estabelecendo este modico preço, julgamos facilitar a propaganda das sciencias archeologicas entre nós.

É de crer que nenhuma das pessoas que se interessam por taes assumptos se recuse a pequena contribuição.

Toda a correspondencia á cerca da parte litteraria d'esta revista deverá ser dirigida a J. Leite de Vasconcellos, para a «Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Toda a correspondencia respectiva a compras e assignaturas deverá ser dirigida a J. A. Dias Coelho, para a «Imprensa Nacional de Lisboa.»

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Antonio Dourado—Editor catholico LEO TAXIL

O MYSTERIOS DA FRANCO-MACONAR

Versão portugueza do Padre Francisco Correia Portocarrero e Padre Ferreira Nunes com uma dedicatória do aucto a S. M. a Rainha.

D. MARIA AMELIA OBRA ILLUSTRADA

Com mais de 100 gravuras, desenhadas por um distincto artista estrangeiro.

Preço de cada fasciculo com trinta e duas paginas de texto e quatro ou mais gravuras 100 reis.

Obra que mereceu ao auctor um breve de Sua Santidade Leão XIII, animando-o e abençoando-o. Com auctorização do Em.º e Rev.º Sr. Cardeal Bispo do Porto

A obra consta de dois volumes distribuida em fasciculos de 32 paginas de texto com quatro ou mais gravuras. Preço de cada fasciculo 100 reis, pagos no acto da entrega; para as provincias é franco de porte. Os assignantes da provincia pagarão de cinco em cinco fasciculos, enviando-se n'essa occasião o competente recibo.

Distribuição semanal, garantindo-se toda a regularidade visto a obra estar toda impressa.

As pessoas que desejarem receber mais que um fasciculo semanal, volume ou a obra completa poderão assim requisital-o ao editor que promptamente fará as remessas que lhe forem feitas.

O preço da assignatura vigora apenas pelo tempo que durar a distribuicao da obra, sendo elevado logo que finalise a ultima distribuicao.

Pedidos ao editor ANTONIO DOURADO, rua dos Martyres da Liberdade, 165—PORTO.